

FORMAÇÃO DOCENTE, TECNOLOGIAS E OS DESAFIOS PÓS-PANDEMIA

TEACHER TRAINING, TECHNOLOGIES AND POST-PANDEMIC CHALLENGES

Recebido em: 24/01/2023

Aceito em: 10/02/2023

Michele Cristina Souza de Mattos¹ 

Resumo: Este artigo aborda as discussões sobre o uso das tecnologias por docentes na pandemia, a fim de compreender se houve alguma estratégia formativa durante este contexto e como eles prosseguiram nessas “novas” formas de “ensinar”. Para isso, essa pesquisa direcionou-se a “ouvir” através da ferramenta WhatsApp Web cinco docentes sobre seus métodos tecnológicos para dar conta das aulas remotas no período da pandemia. O estudo toma como base as indicações de KUHN, 2013 referente as definições sobre paradigmas contemporâneos e possíveis anomalias na educação, compreendendo que o cenário pandêmico asseverou o uso de ferramentas tecnológicas, mídias digitais e internet como meio de auxiliar o ensino remoto. Em seguida, analisa-se os processos formativos adotados pelos professores para suportar ações pedagógicas nos dois momentos. Concluímos neste estudo que o desafio dos docentes nesse contexto, consiste em articular o fazer pedagógico na era das tecnologias, sem desviar o papel imprescindível do professor como mediador e problematizador do conhecimento, que possibilita agir de maneira crítica em relação ao que a internet e as tecnologias disponibilizam.

Palavras-chave: Formação Docente; Tecnologias; Pós-Pandemia; Eixo Crisional Educativo.

Abstract: This article addresses the discussions about the use of technologies by teachers in the pandemic, in order to understand if there was any training strategy during this context and how they continued in these “new” ways of “teaching”. For this, this research aimed to “listen” through the WhatsApp Web tool to five teachers about their technological methods to handle remote classes during the pandemic period. contemporaries and possible anomalies in education, understanding that the pandemic scenario asserted the use of technological tools, digital media and the internet as a means of assisting remote teaching. Next, the formative processes adopted by teachers to support pedagogical actions in both moments are analyzed. We concluded in this study that the challenge facing teachers in this context is to articulate the pedagogical work in the age of technology, without deviating from the essential role of the teacher as a mediator and problematizer of knowledge, which makes it possible to act critically in relation to what the internet and technologies make available.

Keywords: Teacher Training; Technologies; Post-Pandemic; Educational Christian Axis

INTRODUÇÃO

A história da educação é marcada por discussões, embates e lutas ao longo dos anos que buscam mudanças e a transformação social. O presente trabalho partiu da inquietação quanto às

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Contextos Contemporâneos e demandas Populares (PPGDUC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Professora da educação básica no Município do Rio de Janeiro - E-mail:michelemattos2022@gmail.com. Rio de Janeiro – janeiro de 2022.

impressões referente ao docente e o seu processo formativo durante a pandemia e quais caminhos seguiram para suportar ações pedagógicas virtuais. A educação escolar está presente na vida das pessoas e principalmente dos alunos relacionando-se com as diversas dinâmicas na escola apontando formas de ver o mundo e de viver em e na sociedade diante das mais variadas contradições influenciadas por modelos padronizados e excludentes. As relações entre docentes e discentes sob a perspectiva do uso das tecnologias nos remete a questionar sobre a formação continuada do professor no sentido de alargar as possibilidades de suas práticas e principalmente de facilitar o processo de ensino e aprendizagem em um cenário completamente inesperado. Assim, o presente trabalho visa investigar e refletir sobre as estratégias alçadas pelo professor durante as aulas remotas.

METODOLOGIA

Para atender os objetivos definidos nesta pesquisa de cunho qualitativo, foi considerada as discussões sobre a formação docente continuada e o uso das tecnologias no cenário pandêmico e pós-pandêmico com enfoque nas possíveis anomalias cunhadas nesse contexto. Utilizamos como ferramenta para coleta de dados o aplicativo WhatsApp Web por entender que a possibilidade de trocas de mensagens instantâneas através da internet oportuniza a comunicação via mensagens de textos, áudios, imagens, músicas e vídeos construindo um ambiente virtual com multiplicidades de agências. A aplicação desse recurso em estudos qualitativos demonstra potencialidade e democratização na realização de entrevistas sem a necessidade da presença física do entrevistador e entrevistado.

Apresentamos os seguintes questionamentos: Foi utilizada alguma ferramenta tecnológica durante a pandemia? Qual (caso tenha usado)? Quais caminhos de formação foram acessados para atender o ensino remoto? Quais os desafios encontrados no período da pós-pandemia em relação ao uso das tecnologias? Cinco professoras foram convidadas a responder essas questões através da ferramenta mencionada anteriormente, sendo preservado o anonimato delas. Desta forma, o estudo busca refletir sobre as questões que permeiam os processos formativos docentes, o uso das tecnologias na pandemia e pós-pandemia. Nosso trabalho está organizado em cinco momentos, o primeiro trata

do levantamento de informações acerca da formação docente continuada e a importância disso para a qualidade na educação escolar. O segundo, pontua as questões da formação docente continuada sob a perspectiva da inclusão e do uso das Tecnologias. O terceiro e quarto, apresentam e contextualizam o momento marcante vivido pelo mundo a pandemia, trazendo as discussões dos professores participantes desta pesquisa e seus desdobramentos. O quinto retrata os desafios e tensões dos professores no ensino remoto inesperado. Este estudo busca contribuir para perceber, compreender e refletir sobre os processos formativos acessados pelos professores para atender as “novas” demandas da educação.

FORMAÇÃO DOCENTE: ALGUMAS REFLEXÕES

Entender as relações da formação docente com o novo cenário educacional implica, parar e repensar o que está faltando para tornar o processo educacional viável e possível. Isso não é tarefa tão fácil, uma vez que, ao longo do tempo as discussões acerca do currículo nos cursos de formação de professores são realizadas lentamente além de depender das políticas públicas educacionais para impulsionarem ações formativas que atendam especificidades emergentes do fazer pedagógico de forma geral.

A Formação de Professores para a educação básica foi instituída em 2002 afim de qualificar o professor com competências necessárias para atuar profissionalmente promovendo o diálogo entre formação e prática. O ensino e aprendizagem são entendidos como o ponto principal da ação docente, para isto as aprendizagens devem ser orientadas pelo princípio da ação-reflexão-ação possibilitando ao educador atuar de forma significativa e ativa, além de entender que a formação docente constitui um processo de constante renovação e continuação ao longo da vida. (BRASIL. MEC/CNE, 2002).

As diferentes mudanças realizadas pelas reformas na educação e suas atuais exigências assevera a necessidade da constante atualização do docente frente as demandas escolares. O cenário de atuação do professor está cada vez mais diversificado com inúmeras questões relacionadas ao gênero, a raça, a violência (de todos os tipos), a marginalização, a sexualidade, a classe social, as tecnologias a educação especial e inclusiva.

Diante disto percebemos a complexidade de atuação do professor neste cenário onde as diferenças vem ao longo do tempo se apresentando e ficando. Hoje a formação inicial não dá conta dessa diversidade toda, sendo apropriado a formação continuada realizando abordagens significativas que possam auxiliar o docente em suas práticas.

Entendemos que a formação continuada vai além de cursos de capacitação ou encontros de discussões, ela está no olhar do professor em relação a suas práticas e ações, observando suas próprias habilidades, potencialidades e limites, o que implica em reconhecer as lacunas que podem inviabilizar o ensino de qualidade. Compreender a funcionalidade do docente no processo de ensino aprendizagem considerando os processos formativo constitui em permitir o alargamento de possibilidades nesse contexto. As demandas educacionais na contemporaneidade, exige do professor renovação de ferramentas pedagógicas, e requer um aporte teórico dinâmico, ativo e significativo que possa dar conta da gama de informações que o aluno apresenta em sala de aula.

O docente durante muito tempo foi considerado o detentor do saber com a missão de transmitir o conhecimento aos alunos. Esse constituiu-se um movimento estático e engessado que ao longo da história recebeu uma nova percepção ao entender que o docente tem a tarefa de incentivar e oportunizar ao aluno conhecer novos saberes sem renunciar aos seus, ou seja promover diálogos entre esses saberes de forma significativa com a mediação do professor. O próximo tópico trataremos as questões que envolvem a educação e o uso das tecnologias.

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS

De acordo com FREIRE, 2013 “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo” o autor apresenta uma educação problematizadora como meio de romper os esquemas verticais buscando a superação do educador educar o educando, ou seja, o processo deve ser mútuo de troca entre os dois sujeitos dando ênfase no diálogo que pode promover aprendizagens. FREIRE, afirma que os homens se educam mutuamente mediatizados pelo mundo e que o conhecimento não pode ser estático como apresenta a educação bancária. Para o autor educar é informar o educando de maneira significativa possibilitando

ao mesmo conhecer para participar ativa e criticamente na sociedade. Ele nos remete a refletir sobre a prática na educação nos apresentando duas vertentes, uma com a educação bancária que segrega e distância o educando da sua própria realidade mantendo as desigualdades sociais ao ofertar um ensino mecânico e estático. A outra é a educação problematizadora que descentraliza a figura do educador possibilitando ao educando atuar de forma crítica na sociedade, ou seja, conhecer para se apropriar e mudar.

A tecnologia avançou de forma significativa nos últimos anos permitindo o acesso desenfreado da informação. O que antes dependia da escola para acessar hoje um clic e todo conhecimento está disponível ao sujeito. Diante disso o papel da escola vem sofrendo novas significações no que tange a aquisição das informações e conhecimento. O papel do professor como mediador e facilitador no processo de ensino e aprendizagem constitui ensinar ao aluno o que fazer com tais informações.

A educação durante muito tempo vem vivenciando novas formas de atuação, uma vez que ela acompanha as mudanças significativas na sociedade. Aquele antigo tripé das práticas educacionais professor-aluno-conteúdo tem sido visto por ângulos diferenciados. Em alguns momentos o tradicionalismo se apresenta com a figura do professor como condutor no processo de ensino e aprendizagem de forma estática tal qual o conceito de educação bancária descrita por FREIRE, 2013. Em contrapartida observamos a mudança dessa dinâmica ao centralizar-se no aluno como sujeito ativo e participativo no processo educativo. O cenário é complexo no sentido de atender as demandas políticas, econômicas e sociais ao longo do tempo.

A evolução tecnológica cada vez ganha maior proporção no cotidiano das pessoas onde a informação é instantânea, a comunicação ocorre em tempo real, as ferramentas de rede, a internet, as redes sociais, ou seja, todo um aparato que está disponível ao sujeito. As crianças já estão inseridas no meio das tecnologias e da cultura digital, cabe a nós, enquanto professores, buscar o uso consciente. (BERSCH, 2017).

O uso ordenado e consciente das tecnologias, podem e devem estar a serviço da educação como ferramentas e recursos que propiciem a aprendizagem dos alunos de forma geral. Cabe ressaltar

aqui a questão prática do uso das tecnologias uma vez que isso requer força de vontade por parte do docente ao compreender a necessidade de estar alinhado com o mundo da cultura digital no sentido de estabelecer o domínio dela para o desempenho de suas práticas pedagógicas.

A Base Nacional Comum Curricular estabelece na competência geral 4 sobre a comunicação que:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, além de produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BNCC, 2018).

A competência geral 4 determina que, para uma boa comunicação os alunos de modo geral necessitam entender, analisar criticamente e saber se expressar utilizando uma variedade de linguagens. Ela ressalta a importância que a comunicação tem para o processo de desenvolvimento de qualquer pessoa. Estabelecer que caminhos serão seguidos não depende só do currículo, mas da sensibilidade e condução do professor nessa dinâmica contemporânea. A competência geral 5 estabelece diretrizes sobre a cultura digital ao apontar que:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2018).

A comunicação na contemporaneidade ultrapassa os mecanismos das quatro linhas limítrofes da sala de aula professor-aluno-espaco-conteúdo, essas linhas por longo período foram entendidas como a base da educação de maneira efetiva com ações de suporte e estruturação. É nesse eixo que as políticas são pensadas e articuladas para manter ou (des) manter propostas educativas na conjuntura abrangente da educação. A BNCC demonstra a articulação entre esses eixos a fim de promover protagonismo, criticidade e desempenho satisfatório na vida coletiva. O problema instaurado com essas indicações finca na problemática da compreensão dessa forma “outra” de ensinar atrelado ao

uso de tecnologias sem reduzir o papel do professor. Quando se trata do uso dos recursos tecnológicos na educação e principalmente na educação básica acontece um alvoroço de discussões e embates por reflexões rasas que remete a funcionalidade do docente de caráter secundário causando o distanciamento em determinados momentos da apropriação do que indica a BNCC.

Neste sentido, percebemos uma crise de paradigmas quando o papel do professor se opõe ao papel dos recursos tecnológicos como se um fosse substituir o outro. Essa dualidade foi asseverada na Pandemia 2020 ganhando características ímpares na reformulação dos papéis que cada um ocupou em um momento inesperado da educação. No tópico três iremos tratar sobre os desdobramentos que a pandemia imprimiu no fazer educativo nos últimos três anos.

PANDEMIA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Neste tópico, vamos tecer reflexões no campo da Educação sobre uma complexa crise sanitária que surgiu em março 2020, a pandemia do coronavírus ou covid-19. O impacto desta crise permeou inúmeros setores da sociedade mundial afetando a existência humana, e fez advir várias e várias “anomalias” (KUHN, 2013) em diferentes campos da ciência, especialmente, na área da Educação.

De acordo com SANTOS, 2020 a pandemia asseverou problemáticas imperceptíveis que estavam presentes na sociedade, suas reflexões destacam como resolver as questões decorrentes da crise pandêmica sem combater a causa da mesma. O risco não se resumiu a um vírus mortal, mas permitiu identificar a precariedade do sistema sanitário, assim como outras esferas organizacionais da sociedade. Nesse sentido, o Estado foi e é tão letal quanto o vírus por não proporcionar condições sanitárias aos sujeitos e contribuir na morte de muitas pessoas.

Os caminhos da educação no contexto contemporâneo pandêmico, nos leva a pensar nas crises de paradigmas diversos oriundos da pandemia, as “anomalias” relacionadas as ações pedagógicas e suas implementações nos espaços escolares que não conseguimos suportar no período pandêmico, considerando a formação docente precária para atender demandas contemporâneas que emergiram na educação antes, durante e pós-pandemia. Assim sendo, ressalto as reflexões

direcionadas para educação básica que tratem sobre a formação docente continuada. Para isso, o uso das tecnologias representa uma forma de suportar práticas pedagógicas a fim de possibilitar novas construções do sujeito. O impacto das mídias sociais enquanto espaço de formação ou desinformação e o fazer pedagógico escolar são eixos fundantes que estão presentes na contemporaneidade favorecendo articular saberes institucionais e tecnológicos sob a perspectiva pós-pandêmica. Essas são algumas temáticas que nos remete refletir sobre a “crise” dos paradigmas alinhados a crise pandêmica de 2020, reverberando o seguinte pensamento:

Estou certo de que nos próximos tempos esta pandemia nos dará mais lições e de que o fará sempre de forma cruel. Se seremos capazes de aprender é por agora uma questão em aberto (SANTOS, 2020, p. 28).

De acordo com a narrativa de Santos, 2020 as lições que a pandemia apresentou desde o seu início até o momento desta pesquisa caminharam por trajetos obscuros levando o docente e o aluno a vivenciar situações inesperadas dentro de um cenário atípico. Essa conjuntura não programada nem pensada por ambos os lados acarretou para a educação lacunas passíveis de investigações que possa fincar a pandemia 2020 como marco histórico sob esse contexto.

No período pandêmico dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem exigiu de gestores, educadores, alunos e famílias a busca por novos arranjos pessoais e profissionais que, ao longo do tempo foram mesclavam entre si. Os desafios que já permeavam a educação antes da pandemia ganharam nova dimensão e nova importância frente à enorme diversidade de situações sociais, econômicas e culturais. Em muitos municípios do estado do Rio de Janeiro, essa realidade diversa foi retratada de forma cruel, considerando indicadores de saúde, afetivos e pedagógicos.

Os desdobramentos da pandemia em 2020 ocorreram por toda a mídia, a propagação de um vírus letal deixou a sociedade brasileira num clima de tensão, medo e incertezas colocando a educação em segundo plano, pois naquele momento o mais importante era a preservação da vida. Nesse sentido, após o primeiro impacto do momento inédito que a sociedade vivia como um todo, começou a se pensar na educação num modelo que atendesse a nova demanda social, o tópico a seguir aborda como

esse modelo foi implementado por aproximadamente um ano e quatro meses entre os anos de 2020 e 2021.

FATO INÉDITO: ENSINO REMOTO TENSÕES, DESAFIOS E ESTRATÉGIAS

Diante da pandemia da COVID-19, as atividades presenciais foram suspensas em diversas instituições brasileiras de ensino, visando à diminuição do risco de infecção pelo coronavírus. Os governos municipais vigentes estabeleceram medidas de isolamento social a fim de minimizar os riscos de contágio em massa pelo coronavírus.

Foi estabelecido o ensino remoto como forma de dar continuidade as atividades pedagógicas, através de aulas em plataforma digitais, uso de rede sociais, aplicativos entre outros recursos tecnológicos. Esse “movimento” foi realizado a priori de maneira mambembe sem qualificação ou qualidade, uma vez que o cenário de atuação docente era extremamente inédito sem precedentes na história da educação.

O eixo professor-aluno-espaco-conteúdo tradicionalmente considerado o arranjo para tecer as ações educativas na escola, sofreu transformações com o ensino remoto, passando para o eixo inédito onde o professor e o aluno ocupam uma sala virtual com conteúdo adaptável nesse modelo de ensino, além de incorporar a presença da família nesse ambiente virtual, ou seja, tanto o docente quanto o aluno ficam expostos nessa conjuntura educativa denominada ensino remoto.

O ensino e aprendizagem são a razão do fazer pedagógico sob diversos aspectos, mas principalmente na projeção curricular, nas metodologias, e nas políticas que viabilize construções significativas do sujeito enquanto ser social. A pandemia comprometeu vários setores da sociedade, inclusive a educação ao perceber que o ensino remoto não atendeu a todos de forma efetiva propiciando lacunas ainda maiores advinda desse tempo de obscuridade vivenciado pela educação.

Diante desse contexto, ouvimos cinco professoras sobre o trabalho durante a pandemia, entre elas quatro lecionam e uma atua na gestão. Foram elaboradas três perguntas e aplicadas pelo WhatsApp. As respostas foram uma em áudio e as outras quatro em mensagem de texto.

Pergunta 1 - Foi utilizada alguma ferramenta tecnológica durante a pandemia? Qual (caso tenha usado)?

Em resposta a essa questão a **Professora A** respondeu que sim, e utilizou a Plataforma Clecion do estado do Rio de Janeiro, Computador e aparelho celular. A **Professora B** fez uso do WhatsApp para as aulas remotas. A **Professora C** que ocupa o cargo de direção no Espaço de Desenvolvimento de Educação Infantil (EDI) afirmou que:

Na gestão de um EDI tivemos que recorrer às redes sociais para manter as famílias próximas. Disponibilizamos nosso WhatsApp e encaminhávamos recados pelos grupos das turmas e página do EDI no Facebook (**Professora C**).

A **Professora D** trabalhou com o Messenger do Facebook e com o a Plataforma Rio Educa em casa, essas mesmas estratégias foram usadas pela **Professora E**.

As respostas analisadas até aqui representam os caminhos encontrados por cinco professoras para suportar o ensino remoto, entendo o mesmo como espaço exploratório inovador e inédito. As ferramentas e aparelhos tecnológicos usados por elas são os mesmos que utilizamos na vida pessoal com exceção Rio educa em casa que foi específico para atender a nova dinâmica educativa. Cabe dizer que mesmo com familiaridade com esses recursos de uso pessoal, o maior desafio foi transpor o pessoal para o profissional sem que um interferisse no outro.

Pergunta 2 - Quais caminhos de formação foram acessados para atender o ensino remoto?

Para a **Professora A** as conversas com outros colegas e as buscas na Internet foram meios de ajudar na construção do fazer pedagógico de forma digital. A **Professora B** recorreu ao curso de pós-graduação na área do Ensino a Distância (EAD) para garantir o atendimento virtual com segurança nas ações. A **Professora C** relatou que:

Na gestão fizemos diversas reuniões pelo teams com educadores para ajustar os formatos de comunicação com as famílias. Nosso principal foco era manter essas famílias próximas de nós e que vissem em nós um apoio necessário e fonte de informação (**Professora C**).

A internet foi o laboratório de pesquisa da **Professora D**, principalmente os vídeos de tutoriais gratuitos do Youtube. A **Professora E**, assim como a Professora A solicitou ajuda dos colegas para atender os alunos de forma remota, usando também “dicas” da internet.

O contexto pandêmico e a instituição do ensino remoto pelo setor educativo asseveraram as pesquisas na internet por propostas de aulas online para educação básica que tinha o seu espaço físico como ponto de conforto docente, mas que nesse contexto ocorreu o desconforto do fazer pedagógico levando o professor superar essa conjuntura.

Pergunta 3 - Quais os desafios encontrados no período da pós-pandemia em relação ao uso das tecnologias?

A **Professora A** destaca que “não foram utilizados nenhum recurso no presencial”.

Para a **Professora B** “a maior dificuldade foi o fato de nem todas as famílias terem o um celular disponível para a criança no momento da aula e nem acesso à internet com qualidade suficiente para as demandas das aulas”.

A **Professora C** diz que “mesmo que a pandemia tenha forçado utilizar as redes sociais e canais tecnológicos de comunicação, ainda sinto uma resistência ao uso produtivo dessas tecnologias. Na EI sinto que os profissionais usam mais como momento de lazer para as crianças”.

As Professoras **D** e **E** apresentam concordância no que tange o desuso das ferramentas e recursos tecnológicos quando retomam o ensino presencial, elas afirmam que todo esforço para aprender a trabalhar nesse contexto foi descartado. A **professora E** vai mais além, ao mencionar que o ensino remoto foi um caos total para ela e com certeza para os alunos dela.

Diante do “fim” da pandemia, ou a minimização dos seus efeitos, as autoridades competentes decretaram o retorno das aulas presenciais retomando o “conforto” dos docentes, dos alunos, e das famílias, esse contexto representa as principais falas das professoras ao destacarem o desuso de tudo que foi utilizado no ensino remoto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecer impressões parciais e não finais diante do estudo proposto com essa pesquisa nos remete a refletir diante do inesperado e inédito contexto vivido por docentes no Brasil. Os principais embates, desafios e discussões durante o período pandêmico problematizados neste estudo asseverou a crise dos eixos educativos como demonstra o quadro a seguir.

Eixo tradicional Educativo	Eixo Pandêmico
Professor	Multi-professor
Aluno	Aluno-telado
Espaço escolar	Espaço-casa
Conteúdos	Saberes domésticos

Fonte: elaborado pelo autor.

Durante a pandemia, a necessidade do ensino remoto como única via possível de atuação das unidades de educação escolar evidenciou dificuldades na maior parte das escolas brasileiras, sobretudo nas unidades públicas, onde foi possível somar o despreparo tecnológico sob diversos aspectos do professor, além da precarização formativa, dos recursos limitados a internet e aparelhos informatizados. Percebe-se na modificação dos eixos educativos a crise do fazer pedagógico sem precedentes na história da educação brasileira. O quadro apresenta a estrutura crisonal dos eixos educativos no que concerne eixo tradicional sob a perspectiva formal das ações escolares em ambientes apropriados para a educação escolar. O movimento crisonal educativo originado pela pandemia consiste no fazer pedagógico considerando o ambiente virtual doméstico, o multi-professor como aquele que acumula múltiplas funções ao alimentar plataformas digitais, preparar aulas remotas. O movimento entende o aluno telado como o sujeito que possui saberes diversos que o coloca em posição semelhante ao do professor quando o ambiente é virtual, em alguns momentos o aluno por apresentar habilidades no campo das tecnologias com mais propriedades que o professor acaba por conduzir os passos em relação ao uso de recursos digitais, orientando o professor onde clicar, acessar etc.

Nesse ponto, a formação continuada não pode se distanciar do professor, uma vez que a globalização da educação constitui na dinamização dela. A escola constitui o espaço do ensino e das

aprendizagens, e mesmo com a revolução tecnológica, os avanços das mídias sociais não podemos ver esses avanços como limitadores do fazer pedagógico. As tecnologias e todo seu aparato demanda estudos, pesquisas, formas de implementação efetiva na escola, apropriação de metodologias digitais além de outras formas de conceber esse cenário inédito.

Destacamos também a precariedade relatada pelas professoras, a escola não suportou as famílias para o ensino remoto de forma efetiva, a falta de aparelhos e internet deixaram muitos alunos de fora deste processo acarretando a evasão e abandono da escola nesse período. Nosso objetivo não se limitou a trazer conclusões, mas a apresentar as impressões de que essa pesquisa nos traz. Finalizo as impressões dessa pesquisa com a fala da **Professora C** que nos faz refletir qual o papel do professor e das tecnologias sem dissociar um do outro. “*ainda sinto uma resistência ao uso produtivo dessas tecnologias. Na educação infantil sinto que os profissionais usam mais como momento de lazer para as crianças*”. (**Professora C**).

REFERÊNCIAS

- BARTELMEBS, R.C. Resenhando as estruturas das Revoluções Científicas de Thomas Kuhn. **Revista Ensaio**, v.14, n. 03, p. 351-358, set-dez, 2012.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. In. Thomas S. Kuhn; tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. — 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas – 1948**. [Tradução de Fábio Landa e Eva Landa; Organização de Shéphanie Ménasé e Revisão de Marina Appenzeller]. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Edições Almedina, Coimbra: 2020.
- BARRETTO, Elba Siqueira de Sá, GATTI, Bernardete. **Professores no Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.
- COSTA, Irene Cristina Dos Santos. **A Educação E A Humanização na Atualidade**. Acesso em 14 de novembro de 2022.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013